



## JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E MIGRAÇÃO NO ASSENTAMENTO P.A. VALE DO ARINOS/JUARA/MT

CARVALHO, Aly Kelly Alice dos Santos<sup>1</sup>  
alykelly-carvalho@gmail.com

CONTE, Isaura Isabel<sup>2</sup>

### Resumo

O Projeto de Assentamento P.A Vale do Arinos está localizado no Estado de Mato Grosso, aproximadamente há 180 km da sede do município de Juara e nele estão localizadas as duas comunidades existente no projeto, Assentamento Bom Sucesso e, Japuranã. Esse trabalho foi desenvolvido por meio de estudos teóricos e pesquisa de campo realizada nos dois Assentamentos, entre 2017 e 2018, e enfoca a migração da juventude e a Educação do/no Campo da atual escola da comunidade. Analisamos os fatores que contribuem para a permanência ou não da juventude no campo e os sonhos dos moradores em vista de um futuro melhor para os seus filhos/as. Destacamos que a migração não ocorre como uma decisão fácil e rápida, e tem acontecido devido a falta de estrutura local e políticas públicas mais amplas que garantiriam uma vida melhor no campo.

**Palavras-chave:** Juventude; Migração; Educação do/no campo.

### Abstract

The P.A. Arinos Settlement Project is located in the State of Mato Grosso, approximately 180 km from the headquarters of the municipality of Juara and in it are located the two communities existing in the project, Bom Sucesso Settlement and, Japuranã. This work was developed through theoretical studies and field research conducted in the two Settlements between 2017 and 2018, and focuses on youth migration and Field Education from the current community school. We analyze the factors that contribute to the permanence or not of the youth in the field and the dreams of the residents in view of a better future for their children. We emphasize that migration does not occur as an easy and rapid decision, and has happened due to the lack of local structure and broader public policies that would guarantee a better life in the field.

**Keywords:** Youth; Migration; Education in the field.

### Resumen

El proyecto de asentamiento P.A Vale do Arinos está ubicado en el Estado de Mato Grosso, aproximadamente a 180 km de la sede del Municipio de Juara y en él están ubicadas las dos comunidades existentes en el proyecto, asentamiento bom sucesso y, Japuranã. Este trabajo fue desarrollado por medio de estudios teóricos e investigación de campo realizada en los dos asentamientos, entre 2017 y 2018, y enfoca la migración de la juventud y la educación del / en el campo de la actual escuela de la comunidad. Analizamos los factores que contribuyen a la permanencia o no de la juventud en el campo y los sueños de los habitantes en vista de un futuro mejor para sus hijos / as. Destacamos que la migración no ocurre como una decisión fácil y rápida, y ha ocurrido debido a la falta de estructura local y políticas públicas más amplias que garantizar una vida mejor en el campo.

**Palabras clave:** juventud; la migración; educación del / en el campo.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Unemat, no Campus da Unemat Juara-MT.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Universidade Federal de Rondônia, curso de Pedagogia, campus de Ji-Paraná. E-mail: isaura.conte@unir.br



## Introdução

Este texto aborda o tema da migração da juventude camponesa no estado de Mato Grosso, fazendo relação com a Educação do Campo (EdoC), visto que educação e migração têm imbricações quando se trata da busca pelo acesso à escolarização. Para tanto, partimos de pesquisa teórica e de campo, com realização de entrevistas com jovens e suas famílias, moradoras e migrantes do P.A Vale do Arinos. A pesquisa se deu por ocasião de trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), entre o ano de 2017 e 2018. Foram entrevistados quatro jovens que migraram do Assentamento e, suas famílias; e, quatro jovens que permanecem e também, ouvidas as suas famílias.

O Projeto de Assentamento Vale do Arinos localiza-se a cerca de 180 km da sede do Município de Juara-MT e sua criação foi por volta dos anos de 1999 e 2000. Esse projeto está vinculado ao INCRA<sup>3</sup>, que realizou a inscrição das famílias assentadas, a divisão e distribuição dos lotes. Para forçar a regularização das terras e na luta por uma vida de qualidade para essas famílias, surgiu o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadores Rurais de Juara/MT (STR) que luta pelos direitos, acompanha de perto as dificuldades e realiza reuniões para auxiliar e instruir esses moradores.

No início da ocupação das terras os dois Assentamentos eram aglomerados num mesmo mapa no projeto, contendo o total da área de cada comunidade e o total de famílias. O Assentamento Bom Sucesso possui a maior área, e por isso, está dividido em linhas, sendo a 1,2,3,4 e 5 e faz divisa com o Assentamento Japuranã. Este, foi desmembrado do mapa do projeto no ano de 2010 por decisão de alguns moradores junto com o presidente da comunidade, e então, as famílias passaram a ser identificadas como pertencentes ao município de Nova Bandeirantes, devido a maior facilidade de acesso, embora a localização oficial continue sendo o Município de Juara. Com esse fato houve problemas com relação a documentação dos lotes desse assentamento desmembrado.

As famílias que residem no P.A Vale do Arinos, que são em torno de 300 têm feito as suas vidas, o seu sustento, com renda do próprio trabalho nos lotes de terra. Sempre produziram diversificadamente com plantação de pomares de frutas e hortas, além da criação

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Foi Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970.



de suínos, avicultura, piscicultura, bovinos e o gado leiteiro, com comercialização de leite para o laticínio da cidade. No início da ocupação dos lotes não haviam estradas, apenas piques abertos pelos moradores e o acesso à cidade era difícil. Em tempo de chuvas, as comunidades ficavam isoladas e faziam trocas de produtos entre si para se manterem.

As imagens abaixo mostram a situação atual: ponte caída em 2015 e a estrada de acesso do Assentamento à sede do município de Juara.

**Imagem 1- Os estragos causados pelas fortes chuvas**



**Fonte:** Tondin (2015)



**Fonte:** Tondin (2018)

A escola dessa comunidade está caminhando para melhorias, devido as lutas realizadas pelos moradores na concretização dos seus direitos, sendo essa uma perspectiva da Educação do Campo (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004). A escola Estadual do Campo Santa Clara está localizada no Assentamento Japurana e atende também os estudantes do Assentamento Bom Sucesso das linhas 1,2 e 3, com auxílio do transporte escolar. Essa escola tem cerca de 75 alunos, atende os níveis de alfabetização, ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (Eja). A equipe pedagógica é composta de com quatro professoras, sendo três formadas e uma cursando a graduação. Por mais que nas últimas décadas vem se alcançando conquistas na educação do campo, como com o Parecer CNE/CEB 36/2001 das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, ainda falta muito para se ter uma educação de qualidade, acesso a nível médio, profissionalizante e, quiçá, ensino superior no campo.



Uma das inquietações desse estudo é a migração da juventude do campo para a cidade e este é um fenômeno preocupante na comunidade, que por sua vez tem sido objeto de estudo no país todo, devido ao impacto a curto e a longo prazo com relação à continuidade do campesinato e, será abordado no item seguinte:

## **Migração da juventude camponesa e educação**

De acordo com Castro (2012, p. 439) a juventude é "uma definição recorrente que se referia a um período pós-adolescência, entre 15 e 17 anos, e a um limite que terminava com a entrada no que seria definido como mundo adulto". Contudo, a autora trabalha que o conceito de juventude é muito mais complexo do que isso, como por exemplo, a inserção no mundo do trabalho, diferenciando a juventude da cidade e do campo. A juventude camponesa está, concretamente, mais cedo inserida no trabalho, auxiliando a família na produção, e esse hábito faz parte da cultura desses moradores, não tendo uma idade fixada e padrão para tarefas, cujos conhecimentos e técnicas utilizadas são aprendidos com gerações passadas.

A migração pode acontecer do campo para cidade e vice-versa, mas os maiores números apresentados são dos/as jovens que deixam o campo, segundo mostram as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diante desse fato, há vários fatores e entre os vários motivos e consequências. Segundo Carneiro e Guaraná (2007, p.85) "os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de "melhorarem o padrão de vida", de serem algo na vida". O anseio de uma vida melhor motiva a migração da juventude camponesa, quando os e as jovens não encontram oportunidades de iniciar seus projetos de vida e trabalho reconhecido ou ter acesso a formação profissional, ou mesmo, acesso à lazer e maior facilidade de se reunirem para a prática de esportes.

Ao analisarmos o caso da juventude do Assentamento P.A. Vale do Arinos, muitas famílias se viam obrigadas a enviar os filhos para a cidade para poderem ter acesso à educação básica, devido as diversas dificuldades da escola no campo. Nesse caso, trata-se de escola no campo e não escola de educação do campo, devido a precariedade, a falta de investimento para possibilitar o transporte de alunos, formação adequada de professores, etc. Constata-se que esta escola só existiu mediante o esforço da comunidade, não possuía



eletricidade, biblioteca, banheiro, tampouco cozinha, sendo que a professora era quem fazia a alimentação: quando recebia do poder público, e, em grande parte do tempo, contava com a colaboração dos produtos doados pelas famílias do Assentamento.

**Imagem 2: primeira escola existente no Assentamento: Escola Santa Clara**



Fonte: (Rafalski)

Na sequência podemos verificar a segunda escola construída no Assentamento

**Imagem 3: Segunda construção da escola**



Fonte: (Rafalski)



**Imagem 4: A terceira escola construída no Assentamento**



Fonte: Coutinho (2017)

**Imagem 5: Escola Santa Clara atual - quarta construção**



Fonte: Coutinho (2017)



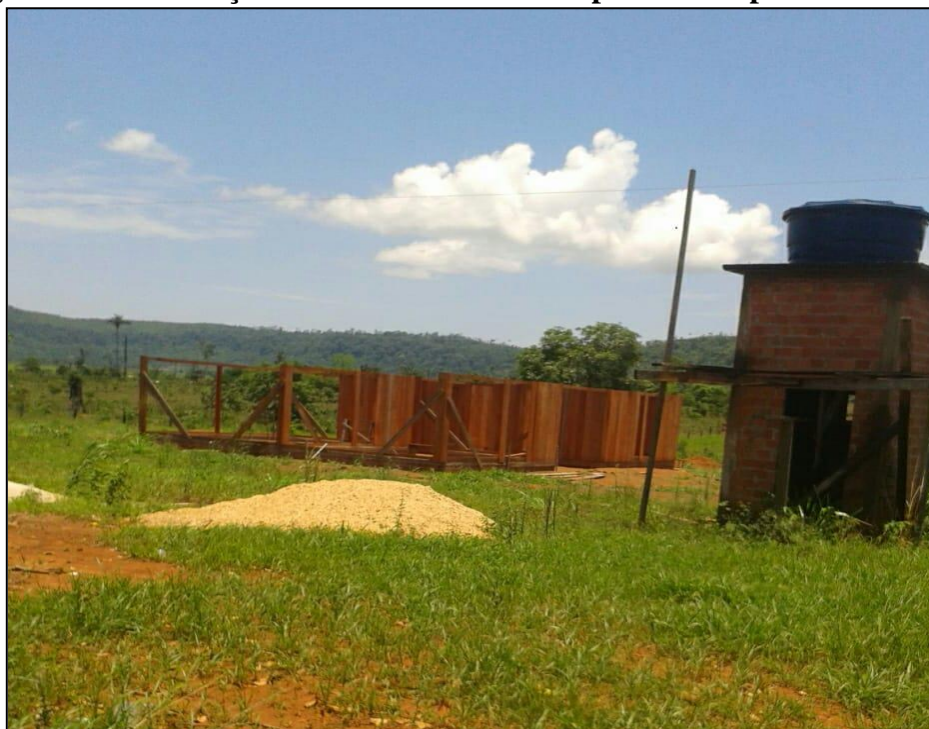
Conforme podemos perceber e demonstrou a pesquisa, a escola Santa Clara, ainda que tenha recebido alguns investimentos por parte do poder público municipal, precisa de infraestrutura melhor. Foram feitas apenas reformas e houve aumento de uma sala de aula no ano de 2011. Nessa reforma, foi construído também uma cozinha e dois banheiros, pois a infraestrutura física estava bastante danificada e precária. Enfrenta-se ainda um grande problema com a distribuição de água, que é encanada de uma mina no meio da mata, que no período da estiagem, seca e os/as estudantes ficam sem água na escola. Os alunos sofrem com o calor demasiado no período da seca e ainda falta um espaço adequado para alimentação. Mediante estas condições, além das horas de viagem no transporte escolar, que muitas vezes quebra e demora a retomar o trajeto, famílias com melhores condições, acabam enviando seus filhos para estudar na cidade, junto a familiares.

No momento atual, segundo pude captar na pesquisa, algumas famílias do Assentamento juntamente com o STR encamparam uma luta pela centralização da escola na comunidade Bom Sucesso, e, desse modo, a nova escola mudará de local. Está havendo resistência por parte de famílias que moram mais próximo à atual e devido terem condições financeiras melhores, não aceitam a centralização porque aí serão os seus filhos/as que percorrerão um caminho mais longo no transporte escolar.

A discussão para centralização da escola Santa Clara ainda está em debate e em reunião com os gestores municipais já podemos perceber alguns movimentos para a aprovação do projeto. O sindicato dos trabalhadores/as rurais também de acordo pois tem acompanhado a saga da educação no Assentamento desde o início. Com essa possível mudança irá beneficiar um número maior de alunos percorrendo menos horas por dia no transporte escolar, ficando a escola mais bem centralizada para todos. Nesse debate está proposto pelos/as moradores para a futura instalação da escola na comunidade Bom Sucesso, ser na linha 3, por ter um amplo espaço e água durante o ano todo. Junto a isso, haverá melhoria na estrutura física da nova escola: com mais atribuição de turmas com as novas salas, carteiras novas, ventiladores ou ar condicionado, quadro e toda adequação para projetores e salas de recursos pedagógicos. Na imagem abaixo podemos verificar como está o andamento da nova escola no P.A linha 3.



## Imagens 06 - Construção da nova Escola Municipal do Campo Tancredo Neves



Fonte: Coutinho (2018)

Com a pesquisa realizada ficou evidente a relação entre a migração da juventude e acesso à educação, imbuído a melhores condições de vida e realização de sonhos, visando a constituição de uma nova família. Na coleta de dados da pesquisa foram entrevistados jovens do sexo feminino e masculino, para contemplar a questão de gênero e perceber se havia fatores diferentes que envolvem o fato de migrar ou de permanecer no Assentamento. Pode-se identificar em algumas falas com os/as jovens que permanecem no Assentamento a preocupação com o seu futuro. Muitos relataram que o Assentamento precisa de melhorias na infraestrutura da escola, no acesso à saúde, estradas de qualidade, transportes, acesso a esporte e lazer etc.

Uma das perguntas da pesquisa aos jovens que migraram, o que teria que mudar ou melhorar no Assentamento. Em resposta a Jovem J.R. cita que *"a única coisa que lá precisa se mudar é o acesso as estradas, à saúde e educação que é muito fraca [...] Também precisava ter mais incentivo aos assentados para produzir e poder vender, pois muitos só vivem do sustento do gado e das poucas plantações"*. Na outra fala do Jovem V.M. podemos perceber que o campo tem que continuar com a sua identidade, mas deve ter melhorias para o benefício a todos/as os/as moradores.





No campo para se viver melhor não deveria mudar nada, mas sim melhorar algumas coisas... já ajudaria para se viver melhor, como as estradas, a educação, a saúde e as oportunidades para os iniciantes dar rumo na sua vida própria no campo. Porque se mudar tudo estaremos fazendo do campo uma cidade, como aconteceu com várias cidades, antes eram pequenas comunidade que foram se modificando com o tempo e, hoje se tornou grandes e pequenas cidades (Entrevista, 2017).

Para os jovens que permanecem no Assentamento foi indagado, se pensam em migrar para a cidade assim que concluírem os estudos no ensino fundamental e, alguns relataram que se não tiver cursos de qualificação profissional e oportunidades para iniciarem seus projetos, analisam essa possibilidade de procurar outros lugares para crescerem financeiramente. Outros demonstraram não querer deixar suas terras e seus trabalhos junto dos pais, sonhando em construir uma família, aumentar sua renda com a criação de gado leiteiro e ter uma vida tranquila no Assentamento. A jovem entrevistada, que pretende ficar no campo, fala o seguinte:

Meus sonhos de melhoria é que a escola nunca feche, melhorias na estrada e poderia ter um curso para os jovens que terminarão o ensino médio poder cursar, para incentivar eles a continuarem morando no Assentamento, pois penso se todos jovens forem embora, o que será do Assentamento no futuro? (JOVEM E.L.).

Na entrevista com os/as jovens que migraram para a cidade, eles/as relatam que tiveram uma oportunidade de migrar para a cidade, devido a terem parentes que os acolheram. Essa migração se deu em busca de trabalho assalariado, com objetivo de crescerem financeiramente e adquirir seus bens materiais, formação em cursos e uma vida mais moderna. Alguns jovens relatam que a migração foi devido a continuarem os estudos, porque sem formação não conseguem ser inseridas no mercado de trabalho ou alcançarem a profissão sonhada.

Na entrevista com as famílias dos filhos que moram no Assentamento, nota-se a ei a preocupação com os estudos dos filhos/as. Relataram-me que se não tiver cursos de qualificação para os jovens, terão de envia-los para a cidade, embora os querem perto. Além disso, relataram a preocupação com a qualidade do ensino da escola do campo, falaram sobre a precariedade dos transportes e da estrutura física da escola, além da pouca atenção que recebem dos governantes.



Com relação às famílias, cujos filhos/as estão na cidade, consideram que essa migração é a melhor opção para seus filhos/as para crescerem, terem futuro e não sofrerem como eles, embora se preocupam com eles na cidade. A questão colocada é o que consideram ou não sofrimento diante do que a cidade de Juara os oferece. Ademais, as famílias não consideram que são elas que enviam alimentos e, por vezes dinheiro, para a vida “melhor” dos filhos/as na cidade. Os jovens do Assentamento que saíram, mantém vínculos bem próximos com suas famílias, retornando, na maioria dos casos, todos os finais de semana para as suas casas. Encontram-se estudando, fazendo curso profissionalizante, fazendo graduação e ao mesmo tempo conseguem um trabalho para terem experiência. Ao mesmo tempo, apareceu nos relatos a preocupação com a segurança dos/as jovens na cidade e desejam que seus filhos/as retornem para o campo quando finalizarem seus estudos. Vejamos o relato de uma mãe:

Quero que elas fiquem lá, seguem sua carreira, porque aqui elas reclamavam muito da escola que estava caindo aos pedaços, das professoras que sempre passavam o mesmo conteúdo, nunca mudava e todo ano estudavam a mesma coisa. O transporte que em um mês, aonde tem trinta dias, ele puxava doze dias, o restante estava quebrado ou sem combustível. Elas andavam cerca de cinco horas no transporte para chegar na escola, para estudar apenas quatro horas, chegavam em casa cansadas e com fome.

No relato das docentes da escola do Assentamento, identificaram as dificuldades enquanto profissionais da educação do campo, na questão das turmas multiserriadas, transportes, recursos didáticos, reposição de aulas devido os tempos chuvosos e a estrutura física da escola. Perguntado se elas presenciaram estudantes migrando para a cidade, todas confirmaram e relataram que o motivo sempre está relacionado a educação, formação, trabalho assalariado e oportunidade diferentes.

A migração da juventude também possui recorte de gênero, sendo que as moças migram mais cedo do que os jovens. Este fato está ligado à estrutura simbólica e financeira que os jovens vão recebendo e, as moças não, pelo fato de serem mulher, como mostram os estudos de Deere e León (2002) ao tratar das heranças no meio rural nos países da América Latina. Ainda, muitas famílias, destinam desde cedo, patrimônio, ainda que pouco, aos jovens rapazes e sinalizam a eles o acesso a herança/terra, o que leva a ir “empurrando” a filha mulher para estudar na cidade e fazer lá a sua vida “mais fácil”. Outra questão colocada pelas jovens que migraram é que não pretendiam se casar com alguém do assentamento que “vive

**RCC, Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 45-56, jan./mar. 2019, ISSN: 2525-670X**



no boteco”, por conta do alcoolismo de alguns jovens ou homens mais maduros que conhecem. Elas apostam em outro projeto de vida e põem em primeiro lugar o estudo para conseguirem independência.

## Considerações finais

A decisão entre ficar ou sair do campo, não é fácil para os jovens, que via de regra, têm a segurança na família e ao mesmo tempo, diante de si, a perspectiva de “dar certo na vida”, ser alguém, ter sua independência, pois é isso que apareceu fortemente nas falas dos jovens entrevistados. Esses jovens têm sonhos e projetos de vidas para serem alcançados e parece terem pressa para verem isso se realizar; há uma certa insegurança e ansiedade diante dessas questões. Quando não vejam possibilidades para que esses sonhos realizados buscam outras oportunidades para os alcançarem, saindo de casa a contra-gosto. Hoje, não temos uma estrutura nas comunidades e Assentamentos para todos os jovens iniciar ou dar continuidade a seus projetos de vida com certa segurança, com acesso à lazer, além da questão da terra para o trabalho ser pouca, pois o Assentamento não comporta maiores divisões com terra suficiente para viabilizar outras (novas) famílias.

A perspectiva de futuro para os jovens pobres que saem do campo é receber uma média de no máximo dois salários mínimos na cidade, sendo que os homens conseguem receber melhor remuneração do que as jovens mulheres, que muitas vezes não conseguem trabalho e permanecem nas casas de parentes para estudar antes dos dezoito anos. A migração também se configura em problema, pois a população jovem da zona rural está deixando cada vez mais as suas origens, assim restando apenas os mais velhos no campo. Todas as famílias foram inânimes em destacar que faltam cursos profissionais para a juventude poder se qualificar para trabalhar no assentamento mesmo.

Os jovens e suas famílias, por um lado, defendem o modo de vida no campo, destacando a tranquilidade e a segurança, mas, de outro, falam da penosidade do trabalho, da falta de educação de qualidade e das estradas em péssimas condições para se locomoverem. Assim, defendem o campo como lugar bom de viver, mas precisam ser assistidos por políticas públicas, embora não se dão conta, ou não relataram que o problema de fundo é acesso à terra para a viabilização da agricultura familiar e camponesa. De modo geral, percebem que é um



problema de cada família e contam com a assistência que o STTRs pode lhes oferecer. Reclamam que já tiveram grandes perdas de produção por não poder transportar para vender na cidade, devido à falta de pontes e estradas de qualidade.

Não dá para desconsiderar toda a luta que a comunidade tem feito em torno da educação, exigindo melhorias nas escolas e se pondo a construir pontes e escolas sempre que necessário. Recorrem ao Sindicato para terem força e se organizarem e assim conseguiram fazer abrir turmas de EJA na escola local, além de pressionarem para uma nova escola, em local mais adequado. Educação é primordial para as famílias, sendo destacado que eles/as – os pais- praticamente não tiveram acesso, mas não abrem mão para que seus filhos o tenham e, por isso, quem tem condições os envia para a cidade. O Assentamento possui uma história aguerrida pela sobrevivência das famílias e acesso mínimo a políticas públicas e, pelo visto terá de continuar.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART Roseli Salete; MOLINA Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo. In: CALDAR, Roseli Salate et all. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 437-444.

DEERE, Carmen; LEÓN, Madalena. **O empoderamento da mulher**. Direitos à terra e direitos à propriedade na América Latina. Tradução de Letícia Vasconsellos Abreu, Paula Antinolfi e Sônia Gehering. Porto Alegre: Ufrgs, 2002.